

ISABEL MEDINA

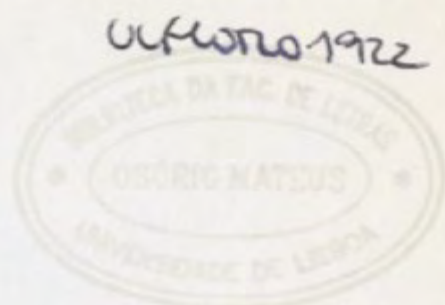


ÁFRICA



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

Isabel Medina



ÁFRICA

Repertório da Sociedade Portuguesa de Autores
2ª Série



AFRICA

Copyright: Isabel Medina

1.^a Edição: Fevereiro 1990

Tiragem: 1 500 exemplares

Capa de José Nogueira Ramos sobre fotografia de

Carlos Ladeira cedida pelo

Museu de Etnologia

Foto da contra capa de Pedro Soares

Edição: SPA — Av. Duque de Loulé, 31 — Lisboa

Impressão: Fomento Gráfico

ISBN: 972-9327-38-6

Distribuição: CDL — Central Distribuidora Livreira

Depósito Legal: 33394

PRIMEIRA PARTE

Sala de um apartamento. Um sofá. Mesa e cadeiras. Um móvel com gira-discos e gravador, entre outras coisas. A sala é forrada a papel. Existe um espelho grande e um telefone. Nenhum objecto deve referenciar África. À noite e a mesa está posta para o jantar: vinho, grande profusão de frutas, pão e queijo.

Personagens:

Catarina
Simão
Luciano

PRIMEIRA PARTE

Sala de um apartamento. Um sofá. Mesa e cadeiras. Um móvel com gira-discos e gravador, entre outras coisas. A sala é forrada a papel. Existe um espelho grande e um telefone. Nenhum objecto deve referenciar África. É noite e a mesa está posta para o jantar: vinho, grande profusão de frutas, pão e queijo.

(Catarina, imóvel, olha para um lugar específico na parede. Julga ouvir ruídos. Corre para a porta. Encosta o ouvido. Vai à mesa. Verifica se tudo está bem. Senta-se no sofá. Os movimentos de Catarina são sempre bruscos, imprevistos. Vai ao gira-discos. Põe uma cantata de Bach. Vai ao espelho. Volta a sentar-se no sofá. Olha para a porta. Olha em frente, como um felino espera o momento de atacar. Ruído de uma chave na porta da rua. Catarina atira-se para trás do sofá, escondendo-se. Simão entra. Vê a mesa posta).

SIMÃO — (Chamando) Catarina!... Trina! (Silêncio. Simão vai até ao gira-discos. Verifica a capa do disco. Catarina salta para as costas de Simão. Este reage violentamente atirando Catarina ao chão e imobilizando-a. Catarina está assustada. Simão recom-põe-se lentamente) Não faças isso. Nunca.

CATARINA — Desculpa.

SIMÃO — Magoei-te?

CATARINA — Não.

CATARINA — Beija-me. (Simão beija-a. Catarina levanta-se e vai numa corrida até à mesa) Gostas? Fruta, muita fruta para nós. E vinho.

SIMÃO — (Desconsolado) É isso o nosso jantar?

CATARINA — É o meu amor. Espremer-te as uvas pelo corpo e depois beber-lhes o sumo. Queres?

SIMÃO — Quero-te.

CATARINA — Agora não. Agora vais deitar-te ali no sofá e contar-me tudo. Tudo o que fizeste hoje, onde estiveste, quem viste. (Catarina leva Simão até ao sofá. Ele deita-se. Ela ajoelha-se no sofá com as pernas de Simão entre as suas) Como foi?

SIMÃO — Saí contigo pela mão.

CATARINA — Mentira.

SIMÃO — Era o que eu sentia.

CATARINA — Continua.

SIMÃO — Levei-te no carro e tu, como sempre, abriste a janela e começaste a meter-te com as pessoas que passavam.

CATARINA — Vi um homem lindíssimo e gritei-lhe: «Encontramo-nos logo à noite?»

SIMÃO — Ele olhou para ti e pensou que te conhecia. Gritou:...

CATARINA — (*Interrompendo*) Não. Eu é que gritei: «Às onze. Na Lontra.». Porque o carro já se afastava.

SIMÃO — E à noite encontraram-se?

CATARINA — Na Lontra. Às onze.

SIMÃO — Falaram?

CATARINA — Ele disse: «Conheço-a».

SIMÃO — E tu disseste: «Sim. Era amiga do João»
(*Pausa*)

CATARINA — Ficámos um tempo calados. Então eles começaram a tocar música africana... E tu disseste que te querias ir embora.

SIMÃO — Descarada como és, trouxeste-me para tua casa. Nem me perguntaste se eu queria.

CATARINA — Não querias?

SIMÃO — Querer, queria! Mas não esperava que fosse tão rápido.

CATARINA — É como eu gosto. As coisas são ou não são. Não vale a pena fazer de conta.

SIMÃO — Porque é que escondeste todos os objectos de África?

CATARINA — Percebi que lhe faziam mal. E eu não lhe queria fazer mal.

SIMÃO — Não fazem mal. Fazem recordar. É diferente.

CATARINA — E recordar não te faz mal?

SIMÃO — Não, Catarina... Nem sempre. (*Pausa*)

CATARINA — Amo-te! (*Simão levanta-se de repente deitando Catarina ao chão*).

SIMÃO — Vamos jantar. Estou cheio de fome. (*Simão senta-se à mesa. Serve o vinho. Catarina, ainda de pé, come uma banana*)

SIMÃO — Não há nada mais... consistente?

CATARINA — É um jantar saudável (*aponta para a fruta*): vitaminas, vitaminas, vitaminas (*aponta para si própria*) e proteínas! (*Catarina senta-se à mesa. Comem. Catarina levanta o copo*). A nós!

SIMÃO — És sempre assim?... Quero dizer... Quando gostas de alguém?... O que eu queria saber era...

CATARINA — (*Interrompendo*) Se contigo é diferente?

SIMÃO — Mais ou menos isso.

CATARINA — É sempre diferente

SIMÃO — Claro. Nem precisavas de responder.

CATARINA — Tens ciúmes do que ficou para trás? Não tenhas... Às vezes estragamos tudo por causa de uma história que não é a nossa, que já não significa nada.

SIMÃO — Responde-me só a esta pergunta: viveste com o João? (*Curto silêncio*)

CATARINA — Não.

SIMÃO — Estavas com ele no dia do...

CATARINA — Não. (*Longo silêncio. Catarina coloca um cacho de bananas na cabeça e utiliza dois cachos de uvas como brincos*). Fico bonita?

SIMÃO — És bonita.

CATARINA — Hoje fiquei todo o dia em casa a fazer arrumações. Descobri uma coisa incrível. Já me tinha esquecido dela.

SIMÃO — O quê?

CATARINA — Mostro-te quando acabarmos. Queres café?
(*Levantam-se. Catarina sai para ir buscar o café. Simão senta-se no sofá. Sons longínquos de batuques africanos. Simão escuta inquieto. Catarina entra com o café*).

SIMÃO — Ouve. Estás a ouvir? (*Catarina escuta*)

CATARINA — O quê?

SIMÃO — Não ouves?

CATARINA — São os vizinhos que estão... entretidos?
Não ouço nada.

SIMÃO — Sons...

CATARINA — (*Serve o café e imita a respiração de uma pessoa a fazer amor*). É isto que ouves? Deve ser a vizinha... Tens ouvidos de tísico.

SIMÃO — Música.

CATARINA — (*Escuta de novo com atenção*) Música?
Não, não consigo ouvir. Será que entraste numa transcendental? Ouves a tua música interior. Escreve-a. Faremos fortuna.

SIMÃO — Não brinques Catarina. Não brinques.

CATARINA — (*Apreensiva*) Simão? Que se passa? Que estás a ouvir?

SIMÃO — Nada. Não ouço nada. (*Curto silêncio*). Foi uma alucinação. Já passa.

CATARINA — Estás tão pálido meu amor. Que música era essa? (*Simão não responde*)

CATARINA — Vá... Bebe o café. Trabalhaste demais, estás cansado. Queres que ponha um disco? Bach? (*Catarina põe o disco. A música sobrepõe-se aos batuques que continuam, no entanto, audíveis*). Estás melhor?

SIMÃO — Acho que sim. Desculpa. Nunca me tinha acontecido isto. Foi talvez por falarmos do João.

CATARINA — Shh... Vamos brincar aos médicos e aos